

## TARDE

Antônio Rodrigues de Souza

A chuva mais densa  
na tarde mais longa  
o vento mais frio

Vestida de inverno a cidade é íngreme  
como vaca enraivecida.

Nó na garganta  
o olhar contempla a letra

Há quem diga que a tarde  
é um laço no boqueirão deserto

Para que tragédia, mãe  
se há telhas, pombos e luzes?

A velha cospe da janela  
observa o relógio e sorri

É o sopro de Gênesis:  
as coisas que não cantam  
embrutecem.

## FAMÍLIA

Antônio Rodrigues de Souza

Sobre o xadrez da toalha  
a faca inoxidável  
e a flor recortada no cabo da faca.

O encontro de mãos  
e palavras inchadas.

Família imã e minha irmã ao léu.  
Sons que alumiam e mordem  
como a enxada velha cortando o capim.

Sangram os olhares  
e a primavera nua  
como poltrona lilás confere  
assombrosa ternura  
à estaticidade das coisas.

O relógio aponta onze horas  
e o vento sopra  
contos de infância e dilemas

## **POEMA DE AMOR E MORTE**

**Antônio Rodrigues de Souza**

As pedras, as lendas e os riachos  
buscavam rumos dentro  
do canavial sem fim.  
E nós?

Disseste-me um dia:  
Deus é memória que arde  
é a exatidão do olhar  
no zigue-zague das horas.

Ouvir tua pele era bom.

Mas tu te fostes e na bagagem  
dois quilos de alecrim  
e as preces do Ferbona.